

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS (II PARTE): A COMÉDIA IMPROVAVELMENTE
24 DE SETEMBRO DE 2020**

LENINGRAD COWBOYS GO AMERICA / 1989

Um filme de Aki Kaurismäki

Realização: Aki Kaurismäki / Argumento: Aki Kaurismäki, Sakke Järvenpää e Mato Valtonen / Assistente de Realização: Pauli Pentti / Fotografia (cor): Timo Salminen / Música: Mauri Sumén / Cenografia: Heikki Ukkonen e Kari Laine / Figurinos: Tanja Tolonen / Montagem: Raija Talvio / Som: Jouko Lumme / Canções: “Cossack Song”, “Säkkijärven Polkka”, “Rock’n’Roll is Here to Stay”, “Tequila”, “That’s All Right Mama”, “Ballad of Leningrad Cowboys”, “Kuka Mitä Häh”, “Born to Be Wild”, “Chasing the Light”, “Desconsolado” (Leningrad Cowboys) / Interpretação: Matti Pellonpää (Vladimir, o manager), Kari Väänänen (Igor, o louco da aldeia), Sakke Jarvenpää, Heikki Keskinen, Pimme Korhonen, Sakari Kuosmanen, Puka Oinonen, Silu Seppälä, Mauri Sumén, Mato Valtonen, Pekka Virtanen (os Leningrad Cowboys), Jim Jarmusch (o vendedor de automóveis em Nova Iorque), Nicky Tesco, Olli Tuominen, Kari Laine, Jatimatic Ohlström.

Produtores: Aki Kaurismäki, Klas Olofsson e Katinka Farangó / Produção: Villealfa Filmproductions (Finlândia) e Svenska Filminstitutet / Cópia: em 35mm, legendada em espanhol e eletronicamente em português / Duração: 80 minutos / Estreia finlandesa: 17 de Março de 1989 / Primeira apresentação na Cinemateca: 20 de março de 2000 no âmbito do Ciclo Aki Kaurismäki.

A sessão na Esplanada decorre com intervalo.

*O rock’n’roll é importante, mas a cultura que gera
é também divertida. Tentei mostrar estes dois aspectos.
Foi sem dúvida muito importante na minha adolescência.
Depois envelheci e passei a ouvir tangos.
Todos os finlandeses nascem com o rock’n’roll na alma.*

(entrevista a Aki Kaurismäki em *Les Inrockuptibles*, Jan./Fev., 1991)

É conhecida a dedicada paixão que Aki Kaurismäki tem pela música, particularmente nos seus géneros populares (o *blues*, o *rock*, o tango, a canção ligeira, etc.). Se enquanto cinéfilo, Kaurismäki se revela um conhecedor exigente e cultivado (Ozu, Bresson, Bunuel e Becker são os seus realizadores de cabeceira, sendo frequentemente evocados nos seus filmes, implícita ou explicitamente), enquanto melómano as suas escolhas são bem mais ecléticas e menos “esteticamente corretas”, ao ponto de alguns comentadores da sua obra se terem chegado a interrogar por diversas vezes se Kaurismäki poderia gostar verdadeiramente de alguns temas que se ouvem nos seus filmes! Juízos musicais à parte, parece-nos evidente o prazer com que Kaurismäki recupera a chamada música “menor” (misturando-a com temas clássicos, entre os quais a sinfonia *Patética*, de Tchaikowski, tem um lugar especial) e o papel fulcral que os temas musicais desempenham na economia narrativa (comentando ou complementando a acção, situando as personagens, intervindo diegeticamente). “Guilty pleasure” ou não, o facto é que os filmes de Kaurismäki não seriam os mesmos se lhes retirássemos a música, o que, bem vistas as coisas, é uma qualidade rara nos tempos que vão correndo em que a música no cinema, cada vez mais omnipresente, acaba paradoxalmente por desempenhar muitas vezes meras funções decorativas.

Serve esta breve digressão para introduzir um tema “difícil” e algo “melindroso”: o peso e a importância dos *Leningrad Cowboys* - “a pior banda de rock do mundo” nas palavras do próprio Kaurismäki (e não somos nós que vamos contradizê-lo) - na sua filmografia. Vale a pena traçar a genealogia da insólita e duradoura associação entre o realizador e a música dos *Leningrad Cowboys*. Os músicos Mato Valtonen e Sakke Järvenpää formam o grupo *Sleepy Sleepers* em meados dos anos 70. Com a sua música *rock*

revivalista, conheceram algum sucesso na cena musical finlandesa. Não chegaram a gravar discos até 1988, mas contavam com um programa de rádio próprio numa estação de Helsínquia, através do qual davam a conhecer o seu repertório. Em 1986, juntou-se à banda o britânico Nicky Tesco, vendedor de seguros reciclado em cantor *punk/reggae* à frente dos *The Members*, agrupamento de existência breve (três álbuns editados entre 1979 e 1982) e, ao que consta, de muito reduzido interesse musical. Com a chegada de Nicky Tesco, que assumiu também as funções de produtor, o grupo mudou o nome para *Leningrad Cowboys*. A colaboração de Kaurismäki com os *Leningrad Cowboys*, começou com duas curtas metragens musicais que dirigiu para a banda – **Rock’y VI** e **Thru the Wire**– para depois escrever o argumento, a meias com Sakke Järvenpää e Mato Valtonen, e dirigir **Leningrad Cowboys Go America**. Mais tarde somar-se-iam a esta regular produção conjunta ainda duas outras curtas (**Those Were the Days** e **These Boots**), uma seqüela das desventuras errantes do grupo, desta vez pela Europa (**Leningrad Cowboys Meet Moses**), e ainda o registo da indescritível actuação ao vivo dos *Leningrad Cowboys* ao lado do prestigiado coro do Exército Vermelho (**Total Balalaika Show**).

Mais do que meros *videoclips* (embora fossem concebidos e concretizados fundamentalmente para servir a divulgação da música dos *Leningrad Cowboys*), **Rock’y VI** e **Thru the Wire** eram duas “miniaturas” ficcionais que condensavam em poucos minutos uma história que daria para alimentar uma longa metragem. O primeiro destes dois filmes era uma óbvia sátira aos filmes da série **Rocky**, em particular ao que se centrava no duelo entre Stallone e o pugilista soviético (um dos filmes-chave da “política externa” dos Estados Unidos durante o “reaganismo”). Sem ter uma inspiração isolada e substituindo o humor caricatural pelo ambiente do “filme negro”, **Thru the Wire** evocava algumas das convenções do cinema de género (com a fuga da prisão do herói, a busca dos seus perseguidores e a partida com a mulher misteriosa) e esboçava uma intriga mas não chegava a desenvolvê-la (nem essa era, claro, a intenção de Kaurismäki). Nem um nem outro desses filmes ultrapassava o estatuto de mera curiosidade na obra de Kaurismäki, mas essa condição essa reforçada por neles se esboçar o princípio da relação do realizador com o singular universo musical e figurativo dos *Leningrad Cowboys*. Em **Rock’y VI** apenas cingida à música, em **Thru the Wire** já invadindo o ecrã e tomando a primazia narrativa, o que viria a acontecer plenamente e com outro fôlego neste **Leningrad Cowboys Go America**.

A música *rock* e o humor absurdo estão, desde o princípio, inscritos no *corpus* da obra cinematográfica de Kaurismäki. Pensamos concretamente em **Saimmä-Ilmiö** (o documentário sobre três bandas finlandesas que realizou e meias com o irmão, Mika) e no registo *non sense* que dominava **Calamari Union** (sintomaticamente, foi nesse filme que Mato Valtonen e Sakke Järvenpää, entre outros músicos que integram os 17 Franks protagonistas, fizeram a sua estreia como atores), mas outros exemplos poderiam ser aventados para demonstrar como, embora possa ser relativamente inesperado e desconcertante, **Leningrad Cowboys Go America** é tão kaurismakiano como **Ariel** ou **Contratei um Assassino**. É certo que a irrisão praticada por Kaurismäki em qualquer um dos seus filmes (e, com a possível exceção da sua adaptação de *Crime e Castigo*, o humor está neles sempre presente) é geralmente mais subtil e discreta do que acontece em **Leningrad Cowboys Go America** (que está mais próximo de ser uma comédia do que qualquer outro género a que vai buscar algo, do *road movie* ao *biopic* musical). Mais ainda, se há algo de verdadeiramente insólito, é a extravagante caracterização dos músicos (os delirantes cortes de cabelo e sapatos, tão pontiagudos uns como outros), situada nos antípodas da contenção figurativa habitual em Kaurismäki.

Contudo, para além destas diferenças flagrantes, é possível detetar um certo “ar de família” destes *Leningrad Cowboys* (onde aliás se incluem alguns dos atores que são presença assídua nos filmes de Kaurismäki) com o universo das personagens mais características da sua obra. Os desenraizados *losers* ou “perdedores” que povoam os filmes de Kaurismäki são “primos afastados” destes tristes músicos, arrancados da tundra siberiana para serem explorados sem dó nem piedade por um *manager* ganancioso numa viagem dos Estados Unidos até ao México (o realizador chegou a referir-se, com a ironia que é característica da maioria das suas declarações públicas, a este princípio de “luta de classes” como o tema central do filme...). É provavelmente esta marca autoral que impede que **Leningrad Cowboys Go America** seja apenas um exercício *kitsch* ou *camp*. Seja como for, para além do traço mais grosso do humor (porventura algo indigesto para gostos mais requintados), o “filme americano” de Kaurismäki (a primeira das suas várias incursões fora da Finlândia) não deixa de ser tocado pela peculiar e autêntica melancolia que define esse território fascinante que é a *kaurismakilândia*.